



A IMPORTÂNCIA DO HÁBITO NO ESTABELECIMENTO DA VIRTUDE SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO*

*THE IMPORTANCE OF HABIT IN ESTABLISHING VIRTUE ACCORDING TO THOMAS
AQUINAS*

Jenerton Arlan Schütz¹
Ivan Luís Schwengber²

Resumo: O presente texto tematiza, a partir de pesquisa bibliográfica interpretativa, a importância do hábito no estabelecimento da virtude em Tomás de Aquino, numa recondução da ética aristotélica em termos cristãos. Desse modo, aborda a felicidade enquanto fim bom e perfeito da condição humana, através das virtudes morais, valores estes, determinados pela razão humana, logo, vivenciáveis somente aos seres humanos. Todavia, somente com o exercício de submeter nossa razão às determinações da razão é que podemos adentrar numa vida virtuosa, com a possibilidade de aproximarmo-nos da felicidade. Uma felicidade que não existe plena e efetivamente para os seres humanos, mas, que se torna possível pela aproximação, através da deliberação racional.

Palavras-chave: Hábito. Virtude. Tomás de Aquino.

Abstract: The present text thematizes, based on interpretive bibliographical research, the importance of habit in the establishment of virtue in Thomas Aquinas, in a renewal of Aristotelian ethics in Christian terms. In this way, he thematizes happiness as a good and perfect end of the human condition, through moral virtues, values determined, by human reason, and therefore lived only by human beings. However, only through the exercise of submitting our reason to the determinations of reason can we enter into a virtuous life, with the possibility of approaching happiness. A happiness that does not exist fully and effectively for human beings, but which is made possible by approximation, through rational deliberation.

Keywords: Habit. Virtue. Thomas Aquinas.

* O artigo foi aprovado para publicação com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

¹ Doutorando em Educação nas Ciências (UNIJUI), Mestre em Educação nas Ciências (UNIJUI), Especialista em Metodologia de Ensino de História pela Uniasselvi e Licenciado em História e Sociologia pela mesma Instituição. Bolsista CAPES. Contato: jenerton.xitz@hotmail.com

² Mestrando em Educação pela UNOCHAPECÓ, graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição (1999), com habilitação em História e Psicologia da Educação, pós-graduado em Metodologia de Ensino de Filosofia e Sociologia e Gestão Escolar. Tem experiência na área de Filosofia e História no Ensino Médio e Gestão Escolar. Contato: ivan.s@unochapeco.edu.br



INTRODUÇÃO

Cada vez mais estabelecemos que precisamos buscar a felicidade, inclusive, há um consenso nas redes sociais de uma produção em massa da felicidade. Mas, a felicidade é um estado momentâneo, tão fugaz, que sempre nos escapa e, a felicidade de outrem parece que não tem efeito coletivo: a felicidade alheia das redes sociais traz um duplo problema, além de ser uma necessidade de autoafirmação do sujeito, tem um efeito destrutivo sobre os outros. Ver uma outra pessoa feliz parece que não me deixa mais feliz, por isso, existe algo que podemos fazer para cuidar da nossa felicidade, dito de outra forma, podemos nos habituar a ser felizes?

A felicidade já foi muito investigada pelos filósofos, em especial, Aristóteles e seus discípulos, teriam os filósofos algo a nos dizer no que se refere ao cultivo da felicidade? Nas interpretações de Tomás de Aquino, investigaremos se há algo possível de nos tornar (mais) felizes.

Para que possamos adentrar na felicidade, no livro de Aristóteles a *Ética a Nicômaco* [1934], Aristóteles nos apresenta algumas reflexões, que, aqui, serão retomadas sob o olhar cristão de Tomás de Aquino. Em outras palavras, uma investigação sobre a(s) virtude(s), que são ações que tem como resultado o bem (a felicidade?), que em nível de satisfação e ação humana é denominada de virtude.

Nesse sentido, o texto objetiva explorar alguns elementos essenciais da virtude no texto comentado por Aquino, mais especificamente atém-se ao *Livro II do Comentário a Ética a Nicômaco de Aristóteles*. A intenção é dar a caracterização essencial da virtude em geral, com enfoque específico na função do hábito. Muito mais que uma exposição, este texto é uma tentativa de interpretação do escrito tomista sobre as virtudes.

Objetiva-se, portanto, compreender as razões que Aquino dá à filosofia ética de Aristóteles. O problema central é: qual a importância dos hábitos para o estabelecimento da virtude? A colocação do problema em se tratando de filosofia moral, apresenta algumas implicações, pois, sendo uma disciplina prática, não buscamos somente saber o que é verdade – como no conhecimento especulativo –, mas o que nos faz ser virtuosos, ou seja, nos levar a agir bem para sermos felizes: virtude.



Nessa direção, investiga-se, mais especificamente, o lugar dos hábitos no estabelecimento da virtude. Os hábitos, numa primeira leitura do *Livro II*, parecem ser um elemento um tanto estranho na filosofia moral, que busca a felicidade através de atos valiosos, as virtudes. No decorrer do texto, nota-se o papel e a importância dos hábitos no estabelecimento da virtude, a importância é tal que ocupa uma posição central na ética aristotélica.

Nesse sentido, primeiramente faremos uma abordagem do *Livro II* que trata das virtudes, buscando situá-los a partir do *Livro I*, que está metodologicamente organizado da seguinte forma: i) tematiza-se o problema das virtudes a começar pelo bem último do homem, que é a caracterização da felicidade, em outras palavras, o que a virtude tem a ver com a felicidade?; ii) analisa-se as virtudes intelectuais e virtudes morais, a fim de tentar demonstrar a insuficiência e os limites da primeira; iii) apresenta-se a geração da virtude moral como uma virtude prática, que leva o sujeito a realizar operações ou ações; iv) busca-se estabelecer a posição da virtude e a importância do hábito na manutenção e efetivação da virtude; v) por fim, objetivamos dar uma visão geral da virtude aristotélica comentada por Aquino. Ademais, consideramos que o empreendimento tomista é de legitimar, a partir do conhecimento mundano, uma purificação e uma finalidade para a vida humana.

A VIRTUDE NA FILOSOFIA MORAL

É plausível querer agir para ser feliz? Posso fazer um conjunto de coisas que me permitam ser feliz? A experiência diária nos mostra que a lógica *behaviorista* não funciona metricamente na felicidade, ou pelo menos, não causa efeito. Entretanto, há algo que possamos fazer para buscar a felicidade?

Nesse sentido, apresentamos uma introdução ao problema da filosofia moral de Aquino, enquanto leitor de Aristóteles. Por que Aquino reserva o *Livro II* para tratar das virtudes? O que significa falar em virtudes? Para responder as indagações, resgatamos alguns pontos que consideramos fundamentais *do Livro I* para compreender o problema do *Livro II*.

O *Livro I* dedicado a felicidade, isto é, que todo homem tende a um fim, que é em última instância o Bem, enquanto bem último e perfeito, grosso modo, a felicidade



é este bem último que todo o ser humano busca naturalmente. Referindo-se à ética tomista, Bittar (2007, p. 269), considera que esta é “[...] uma ética teleológica, na medida em que deposita a finalidade do obrar ético na noção de Bem Comum, com base na escolha do bem e do que é melhor”. O grande problema é: Como buscar a felicidade? Reiteramos que não buscaremos aqui refazer todos os caminhos que conduzem à busca da felicidade, mas somente o que diz respeito à felicidade e às virtudes.

A felicidade é o fim perfeito, e como o fim perfeito apetece ao homem, para ser buscada como fim último das intenções de todos os homens deveria ser buscada na política, que é a instituição que visa o bem comum. Pois, discutindo a respeito da vida política em geral, como fonte de felicidade nesta vida, Tomás de Aquino se pergunta: na vida política a virtude poderia ser o fim último, ou seja, poderia ela fazer o homem feliz?

A conclusão é negativa. Podem existir homens virtuosos que são levados à desgraça pela sua virtude ou homens virtuosos serem cometidos de tal desgraça que são obrigados a cometer um ato não virtuoso. Desse modo, a virtude por si só não pode ser fonte de felicidade, porque um homem virtuoso pode ser infeliz.

A felicidade é por si só, a ela nada é possível agregar para se tornar melhor, logo, a virtude não pode ser um meio necessário para a felicidade. A felicidade perfeita não pode existir nesta vida, porque deveria ser para toda a vida. Nessa direção, a busca da felicidade deve ser perfeita enquanto ideal, mas deve ser profundamente humana, logo, há necessidade de vivê-la.

Percebemos o argumento cristão de Aquino, que abre espaço para a verdadeira felicidade divina tratada na *Summa Theologica*. A virtude não pode produzir um fim perfeito de felicidade, mas, isto não impede que os homens a busquem ou desejam. Isto seria um segundo momento da felicidade, que deve ser buscada na vida prática, através da ação. A ação que passa a contribuir para a felicidade é a virtude. A felicidade se relaciona com as virtudes, mas não com qualquer virtude, somente com as virtudes perfeitas e especificamente humanas, estas virtudes humanas pertencem à alma racional, porque a felicidade é busca segundo o que há de específico no ser humano, que é a alma racional.



Desse modo, a ética tomista difere da ética dos antigos, por esta estar mais ligada à noção de liberdade no campo político e social, enquanto Aquino considera a ética sob a noção de livre-arbítrio de cada indivíduo, que pode optar pelo bem ou mal a partir de sua própria racionalidade.

Demonstrando que a virtude não pode ser fonte da felicidade, na *Lição X* do *Livro I*, Aquino na caracterização da felicidade nesta vida, uma felicidade imperfeita, diz que a felicidade deve ser buscada na atividade vital, mas na atividade humana unicamente. Como a forma do homem é a racionalidade, descarta a vida nutritiva e sensitiva. Como a felicidade perfeita pertence à contemplação, o exercício da felicidade na vida ativa pertence à virtude.

Se a operação do homem consiste em uma determinada vida, em agir de acordo com a razão, se segue que agir de acordo com a razão é próprio do bom homem. Fazer do melhor modo será o melhor, isto é, do homem feliz [...]. Se a operação do homem bom ou feliz é agir bem da melhor maneira, de acordo com a razão, segue-se que ele é humano, a felicidade é operação de acordo com a virtude. (AQUINO, 2001. p. 93, tradução nossa).

Assim, a virtude consiste numa operação que contribui para a felicidade nesta vida, ela é um princípio de operação da alma, ou seja, alguém só pode ser virtuoso operando-a. A razão de algo ser virtuoso está na felicidade que é anterior ao princípio de operação.

Nessa direção, a virtude é o princípio de operação mais constante e perene do homem, e condiz com o essencial da alma do homem, considerando que podem ocorrer mudanças acidentais, pois, a felicidade enquanto exercício da virtude perfeita e ótima nunca pode ser encontrada nesta vida, porque em última instância, o homem sempre pode estar exposto a mudanças.

Nesse sentido, segundo Gilson (1951), a virtude é uma disposição ou inclinação para agir conforme a razão, sendo a virtude uma perfeição do ato humano. O homem, não sendo puro intelecto, necessita da reta disposição, não só no pensar, como também no querer.

Portanto, a virtude é a diferença que marca a excelência e a disposição perene das ações valiosas. A virtude é uma operação que *aproxima* o homem da felicidade nesta vida. O homem busca a felicidade perfeita na contemplação, porém, ele quer buscá-la nesta vida através da educação e o exercício da virtude e, é claro que ambas contribuem para a felicidade do homem nesta vida.



A VIRTUDE MORAL VERSUS A VIRTUDE INTELECTUAL

Se a virtude é ação que pode levar o homem a felicidade nesta vida, qual é a virtude, como operação própria do homem e que contribui para buscar o fim último do homem, que é a felicidade?

Na filosofia moral somente as virtudes perfeitas são consideradas, elas são aquelas específicas dos seres humanos, ou seja, o que é específico no ser humano é a racionalidade. O irracional pertence ao ser humano que não tem influência direta da razão, logo, não pertence ao domínio da moral.

Isto significa que a nutrição e sensação estão descartadas, pois somente a parte irracional que sofre influência da razão, destarte, esta parte da alma irracional é totalmente independente da razão. Todavia, existe a parte da alma irracional que sofre influência da racionalidade, pois caso contrário, estaria reduzindo a busca da felicidade do homem à animalidade. É ali que reside justamente a moral. Os apetites e as vontades influenciam o homem em suas decisões, contudo, isto não significa que impedem, mas que exercem influências nas escolhas e preferências. Contudo, o homem também pode através do exercício da virtude submeter às vontades a sua decisão. Vejamos, desse modo, a insuficiência das virtudes puramente intelectuais na busca da felicidade.

As virtudes intelectuais referem-se ao conhecimento da verdade que adquirimos através dos outros, mas apreendemos descobrindo por nós mesmos. Tanto para Aquino como para o aristotelismo, todo conhecimento se origina através dos sentidos, ou seja, tendo experiência do objeto. Na compreensão das leis da natureza, há uma causa necessária para determinado efeito, esta causa é independente da vontade do indivíduo, assim como não pode ser diferente do que é, ela é por natureza determinada. Nas palavras de Aquino comentando Aristóteles:

Digo pois, em primeiro lugar, que deve ser considerado que as ciências especulativas, nas quais o conhecimento da verdade é procurado, é suficiente para saber qual é o quadrante desse efeito. Mas as ciências operacionais, cujo objetivo é a operação, é necessário saber porque movimentos ou operações esse efeito é seguido por tal causa. (AQUINO, 2001, p. 131, tradução nossa).



A especulação pura não é o objetivo da ética, mas o fim é prático, descartando somente uma espécie de ‘estado ideal’. Nas ciências especulativas não há espaço para as operações que as questões da filosofia moral requerem, as virtudes intelectuais não levam o homem a uma operação, as virtudes que interessam à filosofia moral são justamente as virtudes como operação, isto é, as virtudes morais.

A matéria da filosofia moral é muito vasta, por isso não pode haver uma unidade cabal, uma vez que ela envolve elementos como a vontade e a razão. A vontade é o que nos move, e a razão é que deve ordenar a vontade, estas operações estão em vista de um fim, operações que não são feitas pela vontade ou razão, são naturais e pertencem as almas vegetativas.

O fim da moral deve ser uma ordenação racional da vontade. Toda pessoa visa um fim último que é o bem. A virtude moral se refere ao costume e ao apetite, pois deve levar ao movimento ou a operação. A questão é: de onde pode vir este movimento? Um movimento que leva o ser humano a agir no sentido moral.

A GERAÇÃO DA VIRTUDE MORAL

Que tipo de movimento interessa à filosofia moral? A filosofia aristotélica de Tomás de Aquino compreende dois tipos de movimento: ou o movimento é natural ou ele é gerado pelo costume.

Nesse sentido, o movimento natural é aquele que existe em nós ou na natureza de forma natural. Crescer é um exemplo do movimento natural, a ele nada podemos modificar diretamente pela razão, pois existe em nós antes do desenvolvimento da razão. Este tipo de movimento não nos interessa aqui, interessa-nos o movimento que o homem executa por escolha.

A virtude moral não se gera pela natureza, porque na natureza nada varia conforme o costume. Na natureza as coisas ou *só bem atuam* ou *bem atuam e padecem*. No caso de só bem atuarem, os princípios de ação permanecem o mesmo, com as mesmas causas. A característica da lei da natureza é que só existe uma causa e um efeito, é isto que caracteriza a necessidade na natureza, ou seja, a ausência de duas possibilidades.



Vejamos o exemplo: quando arremessamos uma pedra para cima, ele não tem outra alternativa a não ser, de necessariamente cair, isto sempre será assim, não há uma segunda opção. No segundo caso, se atuam e padecem, não havendo remoção no princípio de ação, sua tendência ou inclinação natural permanece a mesma. Se se remover o princípio de ação ou imprimir um movimento contra a sua natureza que corrompa a natureza, não deixará de ser um movimento natural.

Mesmo se a pedra não cair, removemos o princípio de sua natureza e o movimento que esta nova substância está exposto será um movimento natural, como veremos adiante. Pensamos no exemplo da água que muda de estado, quando evapora no estado gasoso estará submetida aos princípios que a ele adquiriu, isto não será uma segunda opção.

O costume não modifica em nada a natureza. No exemplo acima, posso jogar uma pedra inúmeras vezes para cima, se ela permanecer com sua característica de essencial, ela sempre irá cair. O costume não modifica e nem ensina nada à natureza, a não ser que se remova a própria natureza das coisas, mas isto significa que ela estará condicionada a nova natureza que irá adquirir. Na natureza não existe movimento bom ou mal, existe unicamente o movimento.

A virtude moral pertence ao apetite que é movido por um bem aprendido. Um movimento que leva a pessoa a operar bem ou mal. As virtudes naturais não estão em nós por natureza e nem contra a natureza, mas possuímos uma força apetitiva capaz de aprendê-las. O tempo é essencial para que agimos muitas vezes conforme a razão adequando nossos apetites conforme a razão.

Por outro lado, o autor assinala que, a potência apetitiva enquanto possibilidade de adquirir esta potência deve existir naturalmente no gênero humano. O que existe em nós, existe antes em potência operativa. Para isto utiliza o exemplo dos sentidos, “não, porque muitas vezes vimos ou ouvimos, recebemos a sensação de visão ou audição. Mas, inversamente, porque temos estes sentidos que começamos a usá-los, e não porque os usamos que os temos.” (AQUINO, 2001, p. 129, tradução nossa).

Isto é na verdade uma afirmação do que já havia sido assinalado no livro I, de que a busca do bem último é anterior a virtude. Assim, um homem agindo justamente com temperança e fortaleza se torna um homem justo, temperado e forte. O problema que resulta aqui é que agindo virtuosamente nos tornamos virtuosos.



Ninguém nasce naturalmente mau ou bom, mas as pessoas são amorfas. Quando aprendemos algo que é bom, o objeto do bem causa um apetite em nós. Nós temos uma predisposição natural de tender ao que é bom, daí reside a fundamentação da virtude moral. Assim, no início o ser humano possui uma potência apetitiva que tende ao que é bom, e até aí existe enquanto potência natural em nós, que é a busca do bem, a felicidade.

Neste primeiro momento, não sabemos as propriedades de um objeto, uma vez que, somente a experiência e o tempo demonstrarão a propriedade do objeto. Esta propriedade pode agradar ou não ao meu apetite, grosso modo, o apetite tenderá ao que é interpretado como bom, um desejo que tende ou que leva o sujeito a querer tal deleite ou prazer.

Num segundo momento, é a da virtude em ação, ou seja, tenho o livre-arbítrio de escolher entre duas opções, isto é, uma ação moral deve ter mais que um caminho. O sujeito pode escolher o que ele quer, se a vontade estiver disposta ao que é realmente bom a pessoa será virtuosa. Mas se a vontade estiver distorcida pela má educação ou os maus costumes, e a pessoa optar por uma ação que considerada boa, mas, não é na verdade, torna-se uma pessoa viciada. A formação de nossa personalidade requer desenvolvimento do que é virtuoso ou vicioso, nascemos indeterminados em relação aos vícios e virtudes, mas possuímos a potência de poder adquiri-los.

Em suma, para o ser humano ser virtuoso precisa moldar a virtude, através do exercício, onde esta mesma potência pode torná-lo vicioso. O ser humano não nasce bom nem mau, mas indiferente à bondade ou maldade, ele possui somente a disposição para tornar-se tal. Ademais, para que a virtude se forme no sujeito, este não somente necessita apreender um objeto, mas também se deleitar com ele na ação.

A VIRTUDE JÁ GERADA E O ESTABELECIMENTO DO HÁBITO

A aquisição da virtude pode provir da educação que molda o caráter do sujeito, mas a condição necessária está na essência do homem, na sua racionalidade. O homem possui sua forma ou sua essência racional, e se agir segundo sua



racionalidade ele age bem. Toda obra humana que é empregada pela forma do homem ou sua característica essencial torna-se boa. A característica essencial é sua alma racional, se esta é impressa na ação humana o homem age bem.

Porém, não é essencial que o homem aja baseado na razão, pois como foi dito acima, o homem tem outras faculdades. O homem não age somente pela racionalidade, a grande questão está em como a racionalidade deve regular este elemento irracional, ou seja, as paixões que apetece o sujeito. Em suma, a operação virtuosa deve ser conforma a reta razão. A reta razão é a forma do bem de uma determinada operação do homem. Nas palavras de Aquino:

Ele diz que algo comum à qualidade das operações que causam a virtude deve ser assumido: que elas são de acordo com a razão correta. É assim, porque o bem de uma realidade consiste em que sua operação esteja em conformidade com sua forma. Mas a forma adequada do homem é aquela segundo a qual ele é um animal racional. Portanto, é apropriado que a operação do homem seja boa, se a razão certa concordar, pois a perversidade da razão repulsa para a natureza do motivo. (AQUINO, 2001, p. 131, tradução nossa).

Nessa direção, aqui a função da razão é de regular os apetites e desejos. O apetite responsável pelo movimento deve ser regrado pela razão, uma vez que deve representar algo enquanto bem, para haver uma operação deve haver participação da faculdade apetitiva, que gera a vontade.

Por isso, a educação e a sociedade são os responsáveis para impor as regras aos cidadãos, todavia, não nos deteremos neste ponto aqui. Segundo o objetivo do texto, cabe aqui estabelecer como o agente moral molda seu caráter para dominar o desejo, o homem que agir corretamente age virtuosamente, mas existe a possibilidade de agir mal. O fim da moral não é a verdade, mas sua matéria requer uma ação virtuosa.

A moral se faz pela ação, a razão apesar de ser determinante só surte efeito na ação, desse modo, para que alguém se torne virtuoso deve ter um conjunto de ações no decorrer do tempo que comprovem sua virtude. Este tempo demonstra que o sujeito tem o hábito da virtude.

Quando Aquino demonstra a diferença entre a arte e a virtude, dá a caracterização genérica da virtude. Para ele:

O primeiro corresponde ao intelecto ou razão, a saber, que aquele que realiza obras de virtude não age por ignorância ou por acaso, mas sabe o que faz. O segundo, é retirado da parte do poder ou da força ativa. Dois



pontos devem ser observados aqui. Por um lado, não é feito pela paixão, por exemplo, quando um ato virtuoso é profetizado, mas deve ser exercido por escolha, de modo que a escolha do ato virtuoso não se deve a algo diferente, como seria feito para lucro ou vanguarda. Deve ser feito pelo próprio ato de virtude, que em si agrada a quem possui o hábito da virtude como se conforme a si mesmo. O terceiro, está tomando de acordo com o motivo do hábito. Ele deve agir com firmeza, com auto-respeito e de forma imóvel, ou seja, não sendo removido a este respeito por qualquer coisa externa, de modo que uma escolha virtuosa seja feita de acordo com ela. (AQUINO, 2001, p. 138, tradução nossa).

Com respeito ao conhecimento, quando é especulativo, uma determinada causa provoca um efeito, no que se refere ao conhecimento moral deve haver duas possibilidades para poder escolher e ser conhecidas. O conhecimento aqui deve ser o de haver possibilidades diferentes para agir, uma vez que, o conhecimento no campo da moral deve demonstrar que não há somente uma possibilidade, mas que há mais que uma possibilidade para agir. O conhecimento em si é insuficiente, como reiteramos, ele não leva a operação virtuosa.

No que se refere às paixões, que é a potência apetitiva, estas tendem a algo em virtude do deleite. A importância da paixão está nela levar o homem a agir, a razão disto é que o entender de abstrai do objeto suas características reduzindo-a ao sujeito que conhece, enquanto que a paixão não se deixa reduzir ao sujeito, mas ao contrário, necessita que o agente busque o contato com o objeto. A paixão ou o desejo inclina o sujeito a satisfazê-los, isto é, desperta a vontade. O desejo é uma falta, e não tranquiliza até ser saciado. Porém, a paixão por si é somente algo apetecível de forma sensível, acabando no deleite e na tristeza: “É por isso que todas as paixões ou terminam em prazer ou tristeza” (AQUINO, 2001, p.141, tradução nossa), isto é, a regra das paixões é somente sentir deleite e tristeza.

As paixões necessitam do hábito e da razão, por isso Aquino (2001) estabelece quatro razões para não aceitar as paixões como sendo causas da virtude: i) Ninguém é considerado bom ou mau por suas paixões, mas somente pelos seus hábitos, pelo exercício das paixões. ii) Não elogiamos ou insultamos alguém pela sua paixão. A paixão em si não torna alguém virtuoso ou malicioso. iii) Atuar segundo a virtude é uma eleição da razão. As paixões vêm antes da eleição, ou seja, antes da deliberação ou do arbítrio da razão. iv) As paixões dizem que somos movidos, enquanto a virtude e a malícia são certas qualidades que estamos dispostos.



Em outras palavras, estabelecemos duas características gerais que envolvem uma ação virtuosa, o conhecimento racional em sua determinação às paixões. Isto significa que para agirmos virtuosamente devemos ter o desejo de agir que provém da parte irracional do sujeito, que deve estar sob o jugo da razão, de saber que está agindo racionalmente.

Chegamos aqui à problemática essencial, podemos agir moralmente bem, sem ser necessariamente virtuosos, porém, isto pode ser acidental. Isto significa que podemos fazer uma ação virtuosa por acaso, com isso diz Aquino (2001): Como alguém pode pronunciar uma frase gramatical correta sem saber o que está pronunciando? A importância está no conhecimento de saber que estou agindo virtuosamente. O critério que temos para saber se isto não foi acidental é a frequência que isto acontece, através do hábito. A pessoa somente é virtuosa se age bem sempre. Logo, a virtude deve uma espécie de hábito, é no hábito que se dá o modo específico de realizar uma ação moral.

O hábito é importante porque dá a característica da disposição de como agir, controlando a faculdade desejante. As ações costumeiras e repetitivas forjam o caráter do indivíduo, com isso, o hábito virtuoso está em sentir deleite e prazer em agir de forma moralmente bem. O agir bem deve sempre encontrar uma participação da razão, como foi dito acima.

É através do hábito que agimos e adquirimos a virtude, não basta ter a intenção ou desejo de ser virtuoso, é importante que sejamos virtuosos agindo, e isto somente é possível através do costume ou hábito. O gênero da virtude é o hábito, mas o específico da virtude está nas diferenças particulares de cada ação, como a matéria da virtude exige. A virtude torna bom o sujeito e sua operação, a virtude é, assim, num modo-de-ser um hábito que se aperfeiçoa com a prática reiterada desde a infância e deve ser objeto da educação.

A virtude é o máximo do seu poder, com isso, o máximo de uma potência ou uma realidade é que seja boa. Assim, uma operação perfeita somente procede de um agente perfeito, que é bom e age bem, pois, através do hábito o homem se torna perfeito, uma vez que é agindo que nos tornamos virtuosos, o exercício físico está para o corpo, como o exercício moral está para a alma. A importância do hábito de



dar esta caracterização essencial da virtude é de transformar um sujeito virtuoso pela frequência e pelo tempo em que demonstra ser virtuoso.

O ESPECÍFICO DA VIRTUDE MORAL

Vimos os elementos essenciais da virtude, agora tentaremos fazer uma breve formulação do que é específico na virtude moral. Quando falamos que o hábito torna um homem perfeito, este homem deve ter o hábito de agir conforme a reta razão, pois, é agindo virtuosamente que adquirimos a virtude, e esta depende de um agente perfeito. O agente perfeito por guiar suas ações e paixões conforma a razão. Podemos perguntar com Aquino, como o homem se torna bom?

Nós nos tornamos bons pelas operações que realizamos de acordo com os meios devidos, de acordo com cada virtude. Uma vez que somos bons, realizamos operações similares. Segue-se que, se a virtude é aquilo que faz o homem bom e funciona bem, a virtude é dada no meio devido. (AQUINO, 2001, pp. 143-144, tradução nossa).

Acima havíamos considerado com Aquino que havia a necessidade do exercício da virtude, este exercício pode ser em excesso ou por falta, ou seja, a mesma operação que gera a virtude pode corromper a virtude: “As virtudes ou operações que causam virtude podem ser corrompidas por excesso ou inadimplência.” (AQUINO, 2001, p. 132, tradução nossa).

Este meio devido estabelecido pela razão prática da moral deve considerar: i) o específico de cada virtude e, ii) o caráter de cada agente, em relação ao agente. As principais virtudes são a Temperança, a Prudência, Fortaleza e a Justiça. Como o objetivo central foi expor as características gerais da virtude, com ênfase aos hábitos, não aprofundaremos as diferenças entre o que significa o meio termo moral em relação ao meio termo matemático e sua aplicação às virtudes e paixões específicas, assim como também fica em aberta a investigação do porquê estas quatro virtudes serem consideradas as principais.

Para este propósito, concordamos com Aquino dizendo que: “[...] a virtude, na medida em que guarda o que corresponde, dizemos que encontra o meio pela razão e o escolhe pela vontade. Assim, vê-se que a própria virtude é a medida média e em si o meio devido. A medida média se dá entre dois hábitos, mas o meio é realizado nas ações e paixões”. (AQUINO, 2001, p.148, tradução nossa).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Livro II* ensina como regradar o apetite, os seres humanos têm desejos e devem ser regulados pela razão, uma vez que ninguém pode se tornar virtuoso filosofando, refugiando-se num racionamento:

Assim, a filosofia é para a cura da alma o que é a medicina para a cura do corpo. Assim, como aqueles que ouvem o conselho dos médicos e desconsideram, nunca terão um corpo bem regulamentado, então aqueles que ouvirem as advertências dos filósofos morais e não os atendam nunca terão uma alma bem regulamentada. (AQUINO, 2001, p. 98, tradução nossa).

Não fizemos uma aplicação dos princípios morais na prática ou nas virtudes, mas apenas demonstramos, num primeiro momento, que uma virtude moral necessita da razão, das paixões e dos hábitos. Assim, também não nos detemos à virtude moral enquanto aplicada na educação e na sociedade, mas permanecemos num nível de razão necessária dos elementos constitutivos da virtude moral. Devemos sempre ter em mente que uma caracterização de tal tipo tem a deficiência de não ser aplicada às situações práticas, como requer a matéria da filosofia moral.

O papel da razão na filosofia moral aristotélica de Tomás de Aquino é de suma importância, é de participação, porém, para ser bom em última instância ao ser humano é preciso conseguir submeter o apetite às suas regras. As paixões por seu turno têm a função de mover o sujeito, são elas que estabelecem os motivos e os desejos para realizar algo, contudo, sempre devem ser guiadas pela razão. A atividade provém desta faculdade apetitiva. Tudo isto seria somente um acaso se não existisse o hábito de agir virtuosamente com constância. Ademais, um homem é bom quando age moralmente bem (sempre), sem abalar suas decisões.

As virtudes na filosofia moral têm a função de se ocupar da felicidade humana. A felicidade nesta vida é a melhor atividade que alguém pode buscar/pretender, esta atividade refere-se a virtude como já supracitamos, a ênfase dada aos hábitos faz com que a felicidade pode lograr tempo e não se tornar algo passageiro.

Em suma, percebemos que o hábito, a princípio, parecia um elemento estranho, mas tornou-se algo fundamental para compreender e caracterizar a virtude e, somente se estabelece com o costume e as práticas das ações virtuosas.

**REFERÊNCIAS**

ARISTÓTELES. *A Ética a Nicômaco*. Trad. Pietro Nasseti. Martín Claret. São Paulo, 2002.

AQUINO, Tomás de. *Comentario a la Ética a Nicômaco de Aristóteles*. Trad. Ana Mallea. Eunsa. Ediciones Universidad de Navarra. Pómpoma, 2001.

BITTAR, Eduardo C. B. *Curso de ética jurídica: ética geral e profissional*. 5. ed. rev. São Paulo: Saraiva, 2007.

GILSON, Etienne. *El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino*. Trad. Alberto Oteiza Quirno. Buenos Aires: Ediciones Desclée de Brouwer, 1951.